

Relatos, investigação e jornalismo

BLY, Nellie. **Dez dias num hospício**. Trad.: Ana Guadalupe. São Paulo: Fósforo, 2021.

A obra “Dez dias no hospício”, de Nellie Bly, requer uma leitura para além de um registro sobre a condição de um hospital psiquiátrico do século XIX e se apresenta como uma vitrine das reflexões de Michel Foucault (2011, 2019, 2014) sobre biopolítica, o nascimento da clínica e a história da loucura para o controle e disciplina de corpos e subjetividades. Além disso, o livro mostra a importância dos relatos para a produção jornalística e contribui de modo significativo ao jornalismo investigativo e o jornalismo subjetivo pelos relatos apresentados. A obra também torna-se um inventário da atuação biopolítica pelos discursos e práticas das ciências médicas e jurídicas no século XIX em instituições de internação.

Elizabeth Cochran Seaman adotou o pseudônimo de Nellie Bly para acompanhar como jornalista, a serviço do jornal *New York World*, as denúncias de maus tratos ocorridos no hospital psiquiátrico denominado “Asilo de lunáticos de Blackwell”, na ilha de Blackwell, uma região obscura e afastada da história desenvolvimentista da cidade de Nova York. A cobertura realizada por ela ocorreu em 1887 e foi um dos primeiros registros do jornalismo investigativo; a despeito do ineditismo, o nome de Bly (ou de Elizabeth) não teve tanto destaque no meio jornalístico quando comparado a nomes masculinos.

Ao trazer os relatos como resultado da apuração, Bly desafia os primeiros ritos da produção da notícia por colocar em xeque a suposta objetividade do jornalismo como sendo uma atividade isenta e imparcial ao utilizar dos relatos para noticiar a realidade do hospital. Os relatos, dentro das práticas jornalísticas tradicionais, entram em rota de colisão com os cânones da profissão por serem compreendidos como demonstrações subjetivas e por se afastarem a largo do entendimento do jornalismo com uma atividade supostamente neutra. Quando o exercício da profissão é compreendido exclusivamente pelo viés racional e pragmático são perdidas as nuances e percepções de repórteres acerca do acontecimento a ser noticiado.

Em alguma medida, os relatos trazem porções consideráveis de subjetividade por serem frutos de experiências e estésias entre sujeito e acontecimento. Como aponta Marcondes Filho (2011), os relatos carregam impressões pessoais porque são expressões significativas do processo de comunicação porque sujeito e acontecimento se entrelaçam sem impedimentos e concretizam de forma consistente a comunicação. Para ilustrar a importância dos relatos nas atividades jornalísticas, Hannah Arendt (1999) recorreu aos relatos para trazer suas impressões do julgamento de Adolf Eichmann sobre a banalidade do mal e pôde vislumbrar que o mal não tem exatamente uma origem, mas é sintoma da debilidade de pensar politicamente. Ela foi enviada especial da Revista *New Yorker* para fazer a cobertura do julgamento do oficial nazista.

Destarte, os relatos não deveriam ser considerados produções de menor valor ou inferiores dentro das práticas jornalísticas, mas enquanto uma possibilidade de construir a notícia a partir da participação e experiência pelo acontecimento

Muriel Emídio Pessoa do Amaral

Professor colaborador do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), bolsista Capes/ Unesp, Mestre pela mesma instituição.

E-mail: murielamaral@yahoo.com.br

que será apurado. Os relatos trazem movimentações particularizadas e discursos que provavelmente não seriam ditos por fontes oficiais. Por esse caminho, Nellie apresenta trilhas elucidativas sobre a condição das mulheres internadas no hospital e faz do jornalismo investigativo um caminho para formalizar denúncias sobre a violência e agressões a que as mulheres eram submetidas constantemente.

Antes de ser acolhida pelo hospital, Nellie passou primeiramente por uma espécie de albergue de curta permanência destinada a mulheres. Esse espaço não era destinado exclusivamente a mulheres que sofriam de transtornos mentais, a despeito de ser o primeiro estágio até chegar à internação, mas poderia ser utilizado apenas para pernoitar. Importante pontuar que esse espaço também era utilizado por mulheres estrangeiras e imigrantes que, não raramente, também eram destinadas aos hospitais psiquiátricos como forma de mantê-las distante do convívio social. Mesmo naquele momento de investigação foram percebidos pela jornalista os primeiros descasos quanto aos cuidados e à dignidade das mulheres. Eram frequentes as demonstrações de rispidez das funcionárias, as condições precárias das instalações e a deficiência nutricional da alimentação ofertada, ou seja, situações que dificilmente seriam apuradas a partir do discurso de fontes oficiais.

Ao fazer a denúncia sobre a situação em que as mulheres e os espaços se encontravam, Nellie promoveu a necessidade de reflexão sobre a condição humana feminina e apontou para que algumas vidas poderiam ser descartáveis. Os relatos elaborados pela jornalista podem ser considerados, além de demonstrações de jornalismo investigativo, como sendo também exemplos de jornalismo subjetivo. A interface mais livre entre a jornalista e o acontecimento fez com que viesse à tona uma riqueza de detalhes e informações que seriam apreciadas com mais profundidade e que ultrapassariam os discursos de fontes autorizadas da instituição. Para visão de Moraes (2019, p. 207), a subjetividade aplicada ao jornalismo é uma “(...) ferramenta importante na busca pela produção de representações mais integrais sobre pessoas e grupos. Ela traz de maneira mais ampla – profunda, as camadas de existência dentro desses ambientes”. Assim, o jornalismo subjetivo praticado por Nellie denuncia os maus tratos, traz as experiências das personagens relacionadas ao acontecimento e também evidencia as estratégias de controle e disciplina de biopoder sobre a saúde e o corpo da mulher.

Para pernoitar no local, além de desembolsar US\$ 0,30, Bly simulou demência, disse algumas poucas mentiras, como o fato de ser de Cuba, e fez outras omissões, mas também ela não faltou com a verdade. De fato, ela era uma mulher solteira de 23 anos, sem filhos e buscava oportunidades melhores de vida a ela e à mãe com quem morava, entretanto, essa descrição foi interpretada pelas funcionárias do local com sendo uma situação de vulnerabilidade emocional e psíquica, uma das primeiras demonstrações da ação da biopolítica foucaultiana.

De acordo com Michel Foucault (2014), a partir do século XVIII até os dias atuais, as estratégias de suplício e disciplina dos corpos perderam forças para uma outra ordem que prezou pelo controle denominada como biopolítica. Enquanto as práticas disciplinares eram direcionadas a sujeitos individualmente, os dispositivos de controle foram aplicados em grandes contingentes populacionais com o intuito de promover sociedades supostamente mais saudáveis e moralmente construídas, principalmente para atender às lógicas de produtividades capitalistas. Por esse caminho que os dispositivos de controle não apenas seriam produzidos e disseminados pelo Estado, mas também seriam enunciados pelos discursos das ciências, da pedagogia e dos movimentos jurídicos; e, por esta perspectiva, as ciências biológicas e jurídicas promoveram discursos de “verdade” e puderam ser compreendidas como promotoras da força de atuação da biopolítica.

Os relatos de Bly foram evidências da perspectiva de Michel Foucault sobre biopolítica como gerenciamento da vida humana. A condição dela ser solteira, não ter filhos e se identificar como migrante constroem a imagem de uma mulher su-

postamente suscetível emocionalmente e, por isso, carente de atendimento médico. Para simular a loucura, Bly evitou conversas extensas na delegacia, uma das passagens de muitas mulheres que foram internadas em hospitais psiquiátricos, mas uma das funcionárias da hospedagem, Sra. Stanard:

(...) lhe [ao capitão na delegacia] ofereceu muitas informações a meu respeito – contando-lhe como eu [Nellie Bly] me comportara de forma estranha no abrigo, como eu não pregara o olho a noite toda, e que em sua opinião eu era uma pobre coitada que tinha sido tratada de forma desumana e por consequência enlouquecera. O capitão McCullagh, a sra. Stanard e os dois policiais debateram o assunto por um tempo, e depois Tom Bockert foi instruído a nos levar de charrete até a sala de audiências (BLY, 2021, p. 37).

A sala da audiência mencionada pela autora diz respeito ao encontro realizado com um juiz para ser decidido o destino da pessoa analisada. Assim, a audiência jurídica também é uma outra demonstração de biopolítica para gestar sujeitos e grupos com o intuito de produzir sujeitos ditos normais e moralizados. Durante a audiência, diante do juiz, um funcionário menciona: “Excelência, este é um caso peculiar de uma jovem mulher que não sabe quem é ou de onde veio. É melhor o senhor resolver de uma vez” (BLY, 2021, p. 39).

A passagem da audiência com o juiz evidencia ações biopolíticas em dois movimentos de modo argucioso. O primeiro deles diz respeito à reprodução da ideia de que alguns atores sociais como médicos e juizes, por exemplo, promovem a influência a ponto de reger sociedades como sinônimos de “verdade” e no sentido de produzir e reproduzir corpos e subjetividades ditas morais e saudáveis. O segundo movimento, não muito distante do primeiro, versa sobre a intransigência de lidar com grupos e sujeitos diferentes que fogem aos esquadros reconhecidos da suposta normalidade. Resolver da melhor forma possível a questão de Bly seria destinar as pessoas reconhecidas como “anormais” a instituições como asilos, hospitais e manicômios. Destarte, os relatos apresentados pela autora são sintomas do tempo em que as doenças mentais nem sempre recebiam o aporte necessário para o tratamento ou a possibilidade de cura, mas foram compreendidas como medidas para fomentar isolamento e segregação social.

Pelo livro é possível reconhecer que não apenas as ciências jurídicas, mas também a medicina estabeleceu relações hierárquicas entre sujeitos. Ainda na audiência, Bly se recusou a ser examinada e o médico, mesmo antes dos procedimentos afirmou “Mas precisa obedecer. Você está doente e eu sou o médico” (BLY, 2021, p. 44). E, durante o exame, ela relata a seguinte experiência:

(...) mostrei a língua, e ele a olhou de forma sagaz. Em seguida mediu uma pulsação e auscultou meu coração. Eu não tinha a menor vaga ideia de como o coração de uma pessoa louca batia, então preendi a respiração enquanto ele ouvia e, quando ele parou, arquejei para recuperar o fôlego. Depois ele observou o efeito da luz nas pupilas dos meus olhos. Erguendo a mão a pouco mais de um centímetro do meu rosto, ele me pediu para olhar para ela e depois, sacudindo-a de repente para longe, examinou meus olhos. Fiquei muito curiosa para saber como a insanidade se manifestava no olho, e achei que a melhor coisa a fazer naquela circunstância era olhar fixamente. (...) “As pupilas dela estão dilatadas desde que ela chegou ao abrigo. Nunca mudaram”, explicou a sra. Stanard (BLY, 2021, p. 45).

Independentemente dos resultados do exame, Bly seria considerada uma mulher com problemas mentais. Uma realidade de outras mulheres que a jornalista encontrou no hospital. Havia uma mulher casada que foi internada porque se insinuava a outros homens, uma outra teve como destino a internação por que teve um surto de esgotamento no emprego e como estava com problemas familiares e de ordem financeira por ser pobre, ela se candidatou à internação e foi aceita, como apresenta em relato: “Quando cheguei aqui eu achei que a maioria dessas mulheres era louca, mas depois acreditei quando me disseram que era para cá que mandavam todas as mulheres pobres que pediam auxílio, como eu tinha

feito” (BLY, 2021, p. 96). Dificilmente Bly conseguiria esse depoimento através dos caminhos formais e institucionais.

Além disso, o discurso da interna se direciona ao encontro do pensamento de Foucault (2019) quanto à loucura. Para o autor, o entendimento sobre a loucura atravessou a história em diferentes definições e demonstrações, nem sempre embasado pelas evidências e metodologias científicas. As experiências e relatos de Bly ratificam as ideias de Foucault ao afirmar que as mudanças históricas ocorridas acerca da loucura acompanham os discursos e práticas de poder ao considerar aqueles que seriam loucos, ou seja, a definição de loucura contempla as tecnologias da biopolítica. Assim, os comportamentos fora da órbita considerada convencional, principalmente femininos, poderiam tornar alvos da biopolítica como, por exemplo, o adultério, desejo intenso por sexo, homossexualidades, prostituição e histeria; quando não seriam considerados sintomas de loucura.

O livro é uma leitura pertinente e atual, além de possibilitar a análise dos relatos para além dos acontecimentos e reconhecer que o jornalismo, mais um que elo entre os acontecimentos e a sociedade, também apresenta qualidades humanizantes quando elaborado a partir dos relatos. Bly constrói relatos com sensibilidade sem perder a respeitabilidade que a profissão requer. Não obstante, a obra poderia servir como um material rico de estudo com finalidades didáticas para reconhecer e acompanhar assuntos interseccionais entre jornalismo, questões de gênero, direitos humanos e cidadania a grupos de pessoas vulneráveis.

Referências

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BLY, Nellie. **Dez dias num hospício**. Trad.: Ana Guadalupe. São Paulo: Fósforo, 2021.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. São Paulo: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Princípio da razão durante** – comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo – Nova Teoria da Comunicação III – Tomo I. São Paulo: Paulus, 2011.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Revista Extraprensa**, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.15324